

DE NOVO OS FATOS CONTRA OS CÓDIGOS

Vamireh Chacon*

SUMÁRIO

Reflete sobre o pensamento de Gilberto Freyre, destacando suas insurgências e ressurgências no contexto da modernidade contemporânea. Discute também as antecipações freyrianas e o diálogo de suas idéias com alguns pensadores do século XX, brasileiros e estrangeiros, reconhecendo-lhe não só uma visão do passado mas um profetismo que o torna um pensador perene.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, marxismo, universidade, Hegel, modernidade, comunismo.

Qual o maior: o real ou o ideal?

Hegel, ao formular esta pergunta, ele mesmo respondeu que se equívalem, um dos pontos fundamentais do seu pensamento.

Diante de duas das principais fases de Gilberto Freyre podemos também nos indagar: a sua trilogia – *Casa-Grande & Senzala*, *Sobrados e Mucambos* e *Ordem e Progresso* – é só o passado brasileiro, ou ainda previsão do principal do seu futuro? E mais: *Insurgência e Ressurgência* vão *Além do Apenas Moderno*?

A primeira pergunta cabe num estudo sobre o essencial, mesmo histórico, da perenidade gilbertiana; a segunda cabe ser aqui respondida.

Gilberto Freyre entendeu muito bem a crise do ideologismo e do tecnologismo, este também ideologia, no bojo do que se convencionou chamar de modernidade.

* Professor do Departamento de Ciência Política da UnB. Autor, entre outros livros, de *História das idéias socialistas no Brasil*.

O que se entende por modernidade é o processo de fragmentação da cultura ocidental desde pelo menos o Renascimento, rompimento da visão medieval unificadora do mundo. Fragmentação muito fecunda em inovações científicas, tecnológicas e até políticas pela aceitação do pluralismo religioso apartidário na democracia. Nem por isso o Ocidente, e o mundo por ele influenciado e/ou desafiado, tem se preocupado menos. A começar pela Física, que já há muito busca caminhos rumo a visões novas integradoras.

A universidade – que tinha começado pela tentativa de universalidade dos conhecimentos, daí seu nome – a universidade passou a ser o paradoxal reduto dos especialismos, indispensáveis, contudo sempre mais distantes entre si. Lembremos quanto Gilberto Freyre, de novo pioneiramente, se insurgia contra isto em nome dos estudos interdepartamentais, depois pouco a pouco aceitos, embora ainda não satisfatoriamente.

As antevistas gilbertianas precedem e sucedem *Insurgências e Ressurgências e Além do Apenas Moderno*.

Por mais inevitáveis que acabem sendo os “ismos”, Heidegger mostrou como, apesar de perigosos, eles terminam ressurgindo e nem sempre são negativos, afinal o humanismo é dos que não tendem, nem pretendem, bastar-se a si mesmos enquanto suposta instância final, em vez de se remeterem à intimidade e mistério do ser; é a arrogância da razão unidimensional a última fonte do tecnologismo e ideologismo. O próprio Gilberto Freyre me relatou o encontro pessoal dele com Max Horkheimer num simpósio na Alemanha e como se havia entendido bem com ele, só surpreendentes à primeira vista estas afinidades gilbertianas com a Escola de Frankfurt, por que a chamada Escola de Frankfurt não se limita ao lado político, aliás mais dos seus intérpretes que de Horkheimer e Adorno, os quais nada tinham de partidariamente radicais, suas críticas autolimitadas ao cultural..

Os politicamente corretos opõem-se a Gilberto Freyre devido à repulsa gilbertiana ao que Raymond Aron classificou de “ópio dos intelectuais”, as versões bem comportadas de salão ou esquinas, por isso algo oportunistas, de marxismo-leninismo puramente acadêmico, versão tardia do “marxismo de cátedra” tão detestado por Lenin, que com frequência o denunciou em vários textos, no contexto do “esquerdismo: doença infantil do comunismo”, título até de livro polêmico seu.

Não que Gilberto Freyre fosse necessariamente contra Marx, como se vê já em *Casa-Grande & Senzala*: “Por menos inclinados que sejamos ao materialismo histórico, tantas vezes exagerado nas suas generalizações – principalmente em trabalhos de sectários e fanáticos – temos que admitir influência considerável, embora nem sempre preponderante, da técnica da produção econômica sobre a estrutura das sociedades....” Ali, em *Casa-Grande & Senzala*, Gilberto opta claramente mais de uma vez em favor de Astrojildo Pereira, Caio Prado Júnior e Nelson Werneck Sodré contra as interpretações racistas de Oliveira Vianna. E Astrojildo Pereira e Nelson Werneck Sodré escreveram objetivas e, no conjunto, favoráveis críticas àquele livro.

Ao contrário também dos politicamente corretos negadores da “democracia étnica” brasileira, Gilberto Freyre jamais a declarou completa no Brasil e sim que o Brasil está nisto à frente da maioria das sociedades. Gilberto também nunca afirmou um paraíso a escravidão brasileira e sim a “bestialidade” e “sadismo” do latifundiário transmitidos aos filhos inclusive governantes políticos. A miscigenação nada teria tido de idílica: “Não era o negro, portanto, o libertino; mas o escravo a serviço do interesse econômico e da ociosidade voluptuosa dos senhores”.

Quem declarou o brasileiro “homem cordial” foi Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, acabando por ceder à argumentação de Cassiano Ricardo em sentido contrário.

Quanto à escravidão em si, nada melhor que o realismo de Freidrich Engels no *Anti-Duehring*: “...foi a escravidão que tornou possível a divisão do trabalho, em larga escala, entre a agricultura e a indústria, e foi graças a ela que pôde florescer o Mundo Antigo, o helenismo”. Pois, as “quantas frases melodramáticas contra a escravidão e contra tudo o que se lhe assemelha, derramando uma corrente de indignação moral contra semelhante ignomínia”, “desgraçadamente, nada se consegue com isso, a não ser proclamar o que todo mundo sabe: que essas instituições de tempo antigos já não se ajustam à nossa época”. Superadas por novos meios de produção a cuja capitalização serviram.

Aliás, o marxista estadunidense Eugene D. Genovese é dos que declaram Gilberto Freyre “...o grande intérprete do patriarcalismo brasileiro”: “O regime nordestino, que amadureceu no século XVII, encontrou quase todas as pré-condições necessárias a apoiar a tese de Freyre acerca do patriarcalismo”. “Caio Prado Júnior está menos certo

de que o patriarcalismo brasileiro veio de Portugal e foge deliberadamente da questão, pois, insiste ele (Caio Prado Júnior), que ‘o que realmente determinou seu esplêndido florescimento no Brasil foi o fundo local do qual emergiu’...” (*O Mundo dos Senhores de Escravos*, do inglês *The World the Slaveholders made*).

Interessante, até importante, como marxistas brasileiros do passado e marxistas estrangeiros do nosso presente conseguem dialogar e mesmo convergir para as interpretações gilbertianas. O que comprova a distância também entre matrizes e periferia no que se refere aos politicamente corretos.

O ecologismo de Gilberto Freyre – explícito, mesmo enfático nas primeiras páginas de *Nordeste* em 1937 quando ainda não era moda – o ecologismo gilbertiano insere-se no quadro das insurgências por ele previstas.

Poderíamos continuar com a lista destas insurgências.

Qual, porém, a maior das ressurgências desde o início enfatizada por Gilberto Freyre?

A principal e fundamental delas é a própria vida.

Não se trata de banalidade, por menos que nos lembremos desta verdade e por mais que precisemos de ser recordados.

Gilberto Freyre não ia muito longe na admiração por Ortega y Gasset, porque o raciovitalismo deste era, a seu ver, muito *ratio* e pouco vitalista. *Insurgências e Ressurgências e Além do Apenas Moderno* estão cheios de recorrências à vida desde a insistência na humanização da Ciência à superioridade da Arte, não intelectualizada e sim também vivida, assim percebida já pela crítica de Monteiro Lobato: “A essência dos livros de Gilberto é serem saborosos”, “essa deliciosa composição que é a Ciência misturada com a Arte – com todas as artes, inclusive a culinária, tão vital nos destinos humanos, e a erótica, a mais cultivada de todas”.

Os bem pensantes só podem horrorizar-se que Gilberto Freyre escreveu *Algumas Receitas de Doces e Bolos dos Engenhos do Nordeste*, tema e subtítulo do seu livro *Açúcar* de 1939. É que Gilberto sempre repeliu o sociologuês, o antropologuês, o economês e outros dialetos bárbaros, pseudocientíficos porque também a Ciência é vida. E mais: Gilberto Freyre referiu-se mais de uma vez contra o que denominava de “ph.deísmo”, ao qual outras pessoas mais cáusticas classificam de “ph.deíte” após a “mestrose”, enfermidades

retardatariamente tão infantis quanto a denunciada por Lenin, apesar de nem sempre serem enfermidades políticas...

Trata-se de mais outra escolástica,s, aliás muito inferior à medieval, basta compararmos o rápido desenvolvimento das suas universidades, rápido e fecundo de Oxford, Cambridge, Heidelberg, Salamanca, Coimbra, não só como as que ora se multiplicam, quanto como os departamentos, institutos e faculdades dentro das iniciais. Neste caso em toda parte, nas próprias matrizes, além da periferia, decaindo de qualidade média.

Gilberto Freyre tão bem também o previa quando, após a experiência da Universidade do Distrito Federal malograda por conta das suas ousadas inovações, nunca mais quis ser professor permanente de nenhuma universidade, limitando-se a professor visitante ou conferencista dentro ou fora do Brasil. Exemplo da sua visão de pesquisa integrada de teoria e prática é o Instituto Joaquim Nabuco por ele criado, hoje Fundação Joaquim Nabuco.

É natural o conflito de gerações, não há só a luta de classes dentro do embate maior, a guerra de culturas da qual Gilberto Freyre fala em *Uma Cultura Ameaçada: A Luso-Brasileira*; conflito de gerações de teorização orteguiana inicial, desenvolvida por Julián Marías também tão ligado a Gilberto. Só que nesse tipo de conflito o avô, demonstra-o ainda Gilberto, tende a identificar-se com o neto às vezes até contra o próprio filho, da insurgência do filho contra o pai à ressurgência do avô no neto. Daí o retorno atual dos netos, mesmo bisnetos, à Rússia por cima e mesmo contra a União Soviética dos pais. Gilberto Freyre nunca acreditou na União Soviética, preferiu apostar na Rússia e tornou a ganhar, não tem porque pedir desculpas ao novo tipo de bem pensantes, os politicamente corretos, por mais que estes não gostem de mais outra derrota histórica, inevitável em todo cientificismo, ora o socialismo “científico” contra o utópico, ao qual se pretende voltar. Gilberto Freyre já fazia o seu elogio em *Um Engenheiro Francês no Brasil*, a Louis-Léger Vauthier, precursor da divulgação das idéias de Fourier e Considérant no Brasil.

Foi dali que parti para minha *História das Idéias Socialista no Brasil*, numa época em que ninguém, nem os brasilianistas americanos, se interessavam pelo tema.

Gilberto Freyre não precisou entrar no limbo comum à maioria dos escritores logo após o falecimento, Gilberto Freyre não necessitou

esperar pelas geração dos netos também espirituais, não foi esquecido pela geração dos filhos espirituais; Gilberto Freyre é um dos raros casos em que se chega ao centenário de nascimento ainda e sempre polêmico, novinho em folha, como se *Casa-Grande & Senzala* acabasse de sair do forno. Netos e avô em seu caso confraternizam com os filhos e bisnetos... A prova é que aqui estamos debatendo-o na preparação de centenário a ser seguido por outros pela sua descendência familiar e pelos amigos e leitores de todos os tempos.

Não vamos resolver agora se há ou não há rupturas na História, o certo é que, com ruptura ou sem ruptura, há pontes entre as épocas e, mesmo quando até elas são rompidas, sempre restam sementes do melhor. As sementes do pensamento gilbertiano são comprovadas pela sua resistência à fecundidade, quanto ao lixo serve de adubo mesmo sem entender as sementes.

Foi um místico medieval, Mestre Eckhart, não um cientificista – Gilberto Freyre em sua admiração por Raimundo Lúlio muito gostaria desta evocação – Lúlio bastante afim de Eckhart que fez a síntese exemplar: “Você pode perguntar durante mil anos à vida: por que vive? E ela responderá sempre: vivo porque vivo, vivo por viver. A razão é que a vida tira sua vida de seu próprio fundo e jorra do seu próprio ser. É por isso que ela vive sem perguntar o porquê, pois ela vive em si mesma”.

A vida de Gilberto Freyre prossegue com a força da vida da cultura do Nordeste, do Brasil, do luso e ibero-tropicalismo, do mundo ao universalismo ao qual julgava nossa substância mais profunda, maior e melhor. Vida também da natureza, sem o naturalismo que lhe increparam, mas de um culturalismo vital além de meramente existencial, amante da vida na participação de todas as suas dimensões. Relembremos o ecologismo pioneiro do seu livro *Nordeste* já de 1937.

Vida inclusive religiosa, mais uma Ressurgência contra as Insurgências materialistas do comunismo ao consumismo, ressurgências das religiões universais previstas por Arnold Toynbee a começar pelo Islã, previsão desde seu livro *Civilização posta à prova*, 1948, quando, portanto, estava longe de acontecer.

Enfim, se Gilberto Freyre tivesse sido interrogado com a pergunta hegeliana sobre a precedência do ideal ou do real, sem dúvida, pois isso concluímos da sua obra, haveria de responder pelo real vívido porque vivido.

No *Fausto* de Goethe, outro grande vitalista existencial pleno, na cena logo inicial quando o provector erudito lamenta-se de tantos anos dedicados principalmente, se não de todo à Ciência enquanto envelhecera e nada mais poderia fazer por sua última paixão, naquela cena irrompe Mefistófeles da previsível nuvem de fogo e enxofre, porém com a imprevisível exclamação que vale todo um programa de vida também para nós, gilbertianos de várias gerações: “Cinzenta é toda teoria e verde a árvore dourada da vida!!!”.

ABSTRACT

Again the Facts Against the Codes

The article is a reflexion about Gilberto Freyre's thought, stressing his insurgencies and ressurgencies in the context of contemporary modernity. Discusses as well as Freyre's anticipations and the dialogue of some of his ideas with some Brazilians and foreigners thinker of the XX century. The article regards in Freyre's thought not only a personal vision of the past, but a kind of prophetic perspective which makes him a perennial thinker.

Key words: Gilberto Freyre, marxism, university, Hegel, modernity, communism.

RÉSUMÉ

De nouveau les faits contre les codes.

L'auteur réfléchit sur la pensée de Gilberto Freyre, en détachant les révoltes et les résurrections de celle-ci dans le contexte de la modernité contemporaine. Il discute aussi à propos des anticipations de Gilberto Freyre et le dialogue de ses idées avec quelques penseurs du XXe siècle, brésiliens et étrangers, lui reconnaissant, non seulement une vision du passé, mais un prophétisme qui fait de lui un penseur toujours actuel.

Mots-clé: Gilberto Freyre, marxisme, université, Hegel, modernité, communisme.

